

VISÕES DA FLORESTA: ENLACE HISTÓRICO E LITERÁRIO DO ESPAÇO AMAZÔNICO¹

[VISIONS OF THE FOREST: HISTORICAL AND LITERARY LINK OF THE AMAZON SPACE]

DANIELA DE OLIVEIRA SILVAⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-2544-0304>

Universidade Federal do Pará – Bragança, PA, Brasil

CÉSAR AUGUSTO MARTINS DE SOUZAⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-4530-4844>

Universidade Federal do Pará – Bragança, PA, Brasil

SÉRGIO WELLINGTON FREIRE CHAVESⁱⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-2623-2371>

Universidade Federal do Pará – Bragança, PA, Brasil

Resumo: O espaço amazônico é, por assim dizer, palco de inúmeras obras tanto em literatura quanto em outras áreas do conhecimento, sejam elas de ficção ou não ficção. Houve um período em que retratar essa natureza, sua paisagem, seus costumes, suas riquezas era um fator significativamente buscado para ser explorado, o que ocasionou em diversas escritas que tinham em seu âmago retratar o espaço conhecido como Amazônia e, com isso, gerou-se uma série de visões acerca desta região.

Palavras-chave: Espaço amazônico; Visões; História; Literatura

Abstract: The Amazonian space is, so to speak, the stage for numerous works, both in literature and in other areas of knowledge, whether fiction or non-fiction. There was a period when portraying this nature, its landscape, its customs, its riches was a significantly sought-after factor to be explored, which led to several writings that had at their core portray the space known as the Amazon and, with that, generated if a series of views about this region.

Keywords: Amazonian space; Visions; History; Literature.

¹ O presente artigo foi elaborado com apoio de Bolsa de Mestrado da FAPESPA e do PROCAD Amazônia/CAPES.

Introdução

O que se compreende por espaço amazônico? Como espaço geográfico mais amplo, entende-se por Amazônia a região que integra boa parte do noroeste do Brasil, além da Bolívia, Peru, Equador, Colômbia e Venezuela, como expõe Reis (2001). No entanto, para a tessitura desta pesquisa, destaca-se, mais precisamente, a Amazônia integrante à região norte do Brasil, sobretudo a Amazônia paraense. Desse espaço, o que busca-se evidenciar, além de seu retrato natural, são as diversas manifestações culturais que nela estão inseridas.

Entende-se, pois, que Amazônia é, sobretudo, diversidade, por isso, as visões sobre essa região apresentam-se de diferentes maneiras. Sendo assim, este artigo realiza um estudo comparado, por meio da História e da Literatura sobre as diferentes concepções que se tem desse espaço amazônico, buscando relacionar as distintas abordagens realizadas sobre essa região tanto em obras de ficção quanto de não ficção. Nesse viés, este trabalho pauta-se na concepção histórica e literária que se tem a respeito do espaço amazônico pelo olhar dos que não são nativos da região – em um período no qual via-se a Amazônia como uma região sem história – em detrimento ao daqueles que são nascidos na região, como o escritor paraense Dalcídio Jurandir, já num outro contexto histórico.

Ressalta-se, portanto, a abordagem desta pesquisa por meio da Literatura Comparada, partindo do princípio de que a mesma dispõe de inúmeras possibilidades como método de investigação. Entre eles, o que se faz mais significativo para este artigo diz respeito aos estudos interdisciplinares, uma vez que este “é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana” (CARVALHAL, 2006, p. 74). Nesse sentido, nota-se que a temática escolhida para esta pesquisa, encontra-se efetivamente dentro desse método comparado, haja vista se tratar de um estudo em que variados textos relacionam-se perante o objeto estudado, sendo este o espaço amazônico. Pois, como aponta Carvalho (2006, p. 74), “a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua

interação com outros textos, literários ou não”, como é o caso desta pesquisa, por meio dos estudos e relação entre Literatura e História.

Ao tratar desses dois elementos condutores desta pesquisa, destaca-se a importância mútua que estabelecem entre si História e Literatura. A crítica literária Ligia Chiappini (1999, p. 19) afirma que os estudiosos de literatura voltam a se interessar pela relação entre os estudos literários com a História não apenas para situar “os textos num contínuo de datas e acontecimentos políticos”, mas atentando-se “para o entrelaçamento das obras literárias com outros discursos”. Esses outros discursos, entende-se, referem-se a outras percepções sobre um determinado período, acontecimento ou espaço, que podem relacionar-se ou não. Para Maria Teresa de Freitas (1984, p. 176, grifos da autora), “Estudar as relações da Literatura com a História não significa portanto buscar naquela o reflexo desta; mais do que a *imagem*, a Literatura seria antes o *imaginário* da História”, ou ainda, como aponta a estudiosa, não deve-se buscar a influência da História para a literatura, mas sim a presença.

Diante disso, primeiramente, a fim de se estabelecer essa relação histórica com a literatura, busca-se entender o que é a Amazônia e compreender as primeiras impressões que se tinha sobre essa região, enfocando em uma discussão feita pelo jornalista Artur César Ferreira Reis em seu livro *Amazônia e a integridade do Brasil* (2001) a respeito do(s) conceito(s) de Amazônia. Em seguida a isso, realiza-se uma explanação acerca das diferentes visões que se tinha da Amazônia, em um determinado período histórico, pelos olhos de estudiosos que não são nativos da região, embasando-se em textos como o do naturalista britânico Alfred Russel Wallace por meio de sua obra *Viagens pelo Rio Amazonas e Rio Negro* (2004) e de Alberto Rangel em seu *Inferno Verde* (1908).

Por fim, em diálogo com a concepção dos estudiosos citados acima, este trabalho busca realizar ainda uma análise literária sobre o retrato do espaço amazônico, em outro contexto histórico, já na visão do autor Dalcídio Jurandir em sua obra *Ponte do Galo* (1971), sendo este um escritor amazônico. Embasando-se, para tanto, na teoria literária acerca do espaço, com estudiosos como Brandão (2007), Gancho (2002) e Dimas (1994), além da *Poética do espaço* (1993) do filósofo francês Gaston Bachelard. Essa análise pauta-se na problemática de se identificar como a escrita de um autor amazônico/paraense contribui para as percepções do espaço amazônico que se criou, em detrimento a outras obras de ficção e não ficção realizadas por estudiosos que não são

nativos dessa região em um distinto contexto histórico, e que em muitos casos a apresentaram como “exótica²”.

Assim sendo, realizado por meio de pesquisa qualitativa e bibliográfica, este artigo justifica-se, por meio dos estudos comparados, mais precisamente pelo estudo histórico e literário acerca das diferentes visões e concepções que se têm do espaço amazônico tanto pelos olhos dos que não são nativos da região quanto daqueles que nasceram nela, de modo a gerar reflexões sobre as distintas visões que se têm sobre a Amazônia. Espera-se, com isso, contribuir com as percepções acerca desse espaço regional, como bem faz Dalcídio Jurandir por meio da trajetória de Alfredo, protagonista do romance *Ponte do Galo* (1971), descrevendo essa região como um lugar que, para além de suas paisagens é palco das diversas manifestações culturais e regionais que fazem parte do cotidiano dos povos que aí habitam.

Espaço amazônico: conceito e percepções

O espaço amazônico está longe de ser homogêneo ou global, como é compreendido externamente à região, pelo contrário, esta é uma região complexa e diversificada, conforme aponta Carlos Walter Porto Gonçalves em sua obra *Amazônia, Amazônias* (2001). Segundo o autor, “A imagem que normalmente se tem a respeito da região amazônica é mais uma imagem *sobre* a região do que *da* região” (GONÇALVES, 2012, grifos do autor), o que, para ele, acontece devido a posição geográfico-política que a Amazônia ficou submetida desde o período colonial.

Nesse sentido, Gonçalves (2012) afirma ainda que, por isso, “a Amazônia sofre daquelas características típicas de povos/regiões submetidos/as a desígnios outros que não aos dos seus próprios habitantes”, sendo entendida como uma região primitiva e subdesenvolvida. Também ao escrever sobre esse contexto da diversidade da Amazônia e sobre as visões a respeito dela, Reis (2001, p. 16) aponta que tampouco a Amazônia é parte apenas do território brasileiro, ou ainda, “é o fruto exclusivo da ação dos bravos sertanejos nordestinos que a tivessem ocupado” como fez acreditar Euclides da Cunha ao escrever *À margem da História* (1909) e *Contrastes e Confrontos* (1907).

² Exótico, conforme o Dicionário Aurélio (2001, p. 305), diz respeito àquilo “1. Que não é indígena; estrangeiro. 2. Excêntrico, extravagante”.

Desse modo, a fim de compreender as diferentes e, até mesmo, as primeiras visões que se obteve acerca do espaço amazônico é necessário refletir e entender que essa região é marcada por sua diversidade e, em detrimento a isso, como bem pontua Reis (2001), não há uma Amazônia, mas várias. Nesse viés, o autor afirma então não haver também um conceito de Amazônia, sendo impossível defini-la “como um todo homogêneo, harmônico, global” (REIS, 2001, p. 15). Destaca-se que se entende a Amazônia como uma região diversificada. É um espaço de águas, florestas, campos; de grandes riquezas naturais. É um espaço das mais distintas manifestações culturais e regionais; de hábitos; de costumes; de diversidade.

Segundo Reis (2001), há uma visão generalizada dessa região e que não a define:

Quando pensamos em Amazônia, logo ela se reflete como o trecho do espaço físico brasileiro marcado profundamente pelas águas da gigantesca bacia amazônica e coberto por uma floresta de alto porte, de coloração verde-forte, de continuidade e heterogeneidade impressionantes. (REIS, 2001, p. 15)

Essa concepção não pode por si só conceituar a Amazônia, haja vista ela não ser só floresta, ou mesmo sempre de coloração verde-forte e homogênea, nem tampouco está situada inteiramente em solo brasileiro, portanto, essa totalização não consegue, nem mesmo pode, abranger a região amazônica como um todo.

Frente a essa tentativa de generalizar a região amazônica, percebe-se que ela enfrenta uma visão paradigmática, pois como bem aponta Reis (2001, p. 16), “A Amazônia, no conceito clássico, é aquela que conformamos em nossa imaginação, trabalhada pelo sensacionalismo de viajantes e de uma literatura exótica, infiel, nociva, que a criou sem qualquer obediência ao real”. Diante disso, nota-se uma visão sobre o espaço amazônico místico e estereotipado que, justamente, acabou por se aceitar como real.

No entanto, estudiosos como Alfred Russel Wallace, ao se deparem com o cenário amazônico, veem-se enganados pelo sensacionalismo que há acerca da região, causando nele até mesmo um sentimento de desapontamento, como descreve o naturalista: “A temperatura não era tão ardente, os costumes dos povos não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como eu havia imaginado e conjecturado durante o tédio de uma viagem marítima” (WALLACE, 2004, p. 38). Essa concepção que o

estudioso possui da Amazônia diz respeito ao exagero descritivo que outros fizeram da região ao tentarem, infielmente, generalizá-la.

Corroborando a isso, o próprio Wallace afirma que:

Assim, por vezes, acontece, quando certos viajantes, que amontoam em uma descrição todas as maravilhas, que eles levaram semanas e meses a observar, causam uma falsa impressão ao leitor, fazendo este experimentar muito desapontamento, quando visita o local. (WALLACE, 2004, p. 39)

Esse desapontamento, no entanto, é rompido quando as particularidades dessa região, como os costumes do povo, a vegetação e mundo animal causam encanto e impressionam, como acontece com o naturalista inglês. A partir disso, o estudioso começa a perceber diversas particularidades existentes na Amazônia, como quando encontra-se hospedado na capital paraense, ao que descreve sobre o povo:

Os habitantes do Pará apresentam a mais variada e a mais curiosa mistura de raças. Veem-se o inglês, de faces coradas, parecendo tão bem adaptado como nos climas frios de sua terra natal, o americano pálido, o português trigueiro, os brasileiros corpulentos, os sorridentes negros, os índios indolentes, de corpo em geral bem conformado, e entre estes umas cem sombras e misturas, que exigem vista esperta para as diferenciar. (WALLACE, 2004, p. 42)

Essa mistura sobre a qual Russel Wallace discorre, parece estar enraizada na fábula das três raças, conforme exposto por Roberto Damatta (1987), perante a qual se criou uma visão acerca da construção racial brasileira diante do branco, do negro e do índio. Damatta (1987, p. 59) expõe que essa visão sobre “a preguiça do índio”, a “melancolia do negro” e a “estupidez do branco lusitano” são responsáveis pela visão errônea da população brasileira e que acabou sendo mantida na compreensão do Brasil e dos brasileiros, diferente de outros países também colonizados, como os Estados Unidos.

E mais, como essa triangulação étnica, pela qual se arma geometricamente a fábula das três raças, tornou-se uma ideologia dominante, abrangente, capaz de permear a visão do povo, dos intelectuais, dos políticos e dos acadêmicos de esquerda e de direita, uns e outros gritando pela mestiçagem e se utilizando do «branco», do «negro» e do «Índio» como as unidades básicas através das quais se realiza a exploração ou a redenção das massas. (DAMATTA, 1987, p. 63)

Corroborando a isso, Renato Ortiz (2006) discorre que a questão da mestiçagem se realiza perante o “mito da nação”, que vem justamente dessa fusão das três raças e sobre a qual se destaca o branco como sendo o portador de valores, enquanto que os ditos “mestiços” são entendidos com natureza inferior. Essa visão compreendida pelo Brasil e pelos brasileiros, como aponta Damatta (1987), gerou uma série de estereótipos e preconceitos que por muito tempo, e até mesmo hoje, ainda estão enraizados em solo brasileiro. Dalcídio Jurandir, por exemplo, em seu romance *Três casas e um rio* (1958)³, transpõe o dilema do menino Alfredo ao sentir-se “esquisito” por não conseguir se identificar socialmente perante as diferenças culturais a que é exposto pelo pai branco e pela mãe negra, como bem aponta Leal (2008). A estudiosa vê ainda o romance *Três casas e um rio* como um projeto de Dalcídio Jurandir de reconstrução do nacional, “pois nos diversos saberes culturais inter-relacionados no romance, o escritor recria a memória identitária amazônica e o hibridismo cultural local” (LEAL, 2008, p. 104).

Adiante, e a respeito da vegetação, Russel Wallace, a princípio, diz que ela não correspondeu suas expectativas, no entanto, afirma posteriormente que isso aconteceu em parte devido “às narrações feitas por viajantes devaneadores, fantasias, que, descrevendo as suas belezas, a sua pompa, a sua magnificência, quase fazem a pessoa acreditar que nada de um caráter diferente possa mesmo existir sob o sol dos trópicos” (WALLACE, 2004, p. 43). Essa percepção retoma a questão da visão paradigmática que se criou acerca da Amazônia, mas que é rompida pelo naturalista ao retratar os cenários amazônicos vistos por ele.

Nesses cenários, ao descrever as palmáceas, por exemplo, o naturalista as apresenta como elegantes e variadas, essa variação condiz justamente com o fato de a Amazônia não ser um todo homogêneo. Fomentando isso, Wallace (2004, p. 44) fala ainda sobre as mais diversas flores existentes na região e, além disso, ao falar das árvores, enfatiza que “A sua folhagem varia em cor”, concedendo a visão daquilo que afirma Reis (2001), de que a Amazônia tampouco é toda verde-forte.

A presença da estação chuvosa também não passa despercebida ao escritor naturalista, característica marcante da região, tanto que se faz presente em outras obras, como no romance *Ponte do Galo* (1971): “Agora na José Pio, chuva, chuva, chuva,

³ Opta-se por utilizar o ano de primeira publicação no texto para que o leitor tenha ciência do período em que esses debates são propostos por Dalcídio Jurandir, no entanto, a obra que se tem acesso é a da quarta edição, publicada pela Editora Pará.grafo em 2018.

naqueles bailes mortos sustentada, a casa trancava-se. Esse tempo, em Cachoeira, é a apanha de tucumã e gogó” (JURANDIR, 2017, p. 181). Esse trecho da narrativa dalcidiana ressalta a representação dessa chuva em dois contextos amazônicos: em Belém as casas são fechadas para que não se molhe dentro, no Marajó é tempo de colheita frutífera que é proporcionada por esse “tempo da chuva”.

Além disso, a alimentação regional amazônica também foi mencionada por Russel Wallace, sobretudo a modo de destacar o que compunha o alimento dos brancos, dos índios e dos negros. A esse respeito, o naturalista descreve que os alimentos da maior parte da população branca da cidade eram “um pouco de peixe salgado, bananas, pimenta, laranjas e açaí” (WALLACE, 2004, p. 51), enquanto que a alimentação de negros e indígenas era composta por farinha, arroz, peixe salgado e frutas.

Ao inserir as particularidades da alimentação do povo amazônico, Russel Wallace descreve hábitos alimentares muito marcantes dessa região. Ao falar da farinha, por exemplo, Wallace (2004, p. 51) descreve que: “Quando misturada com água, forma-se um caldo glutinoso, porém é um alimento muito nutritivo”. Nesse ponto, nota-se que o escritor naturalista faz referência ao chibé, alimento comum da região amazônica, pautado justamente nessa mistura de farinha com água.

Nessa perspectiva, entende-se a significância de se pautar a questão da alimentação amazônica, haja vista entender-se que o alimento é parte essencial dos costumes, hábitos e cultura de um povo, fazendo parte assim desse espaço. Em muitos momentos, mais que hábito da região, a alimentação pela farinha de mandioca foi extremamente necessária. Maués e Motta-Maués (1978, p. 120), destacam, por exemplo, que em Itapuá, uma comunidade amazônica formada por famílias relacionadas à pesca, situada no nordeste paraense, muitas vezes as pessoas eram “obrigadas a se alimentarem apenas de mingau de farinha de mandioca, ou de frutas”, o que destaca novamente a relevância desse alimento específico para a região amazônica.

Desse modo, como realizado por Russel Wallace, Dalcídio Jurandir também faz menção a diversos alimentos tão presentes na região, como frutas e os derivados advindos delas, como é o caso da paçoca da castanha de caju: “‘Olha a paçoca, menino’, escutou. [...] – Ou voltaste tão do fino que já te enjoas de nossa paçoca?”. Nesse trecho em que dona Dadá questiona Alfredo sobre ter enjoado da paçoca, nota-se a nitidez de o quanto o alimento é típico da região, entendendo-se que quem não o ingere se constitui

como “estrangeiro”, por assim dizer, que não comunga dos hábitos alimentares tipicamente regionais, distanciando-se, portanto, desse espaço.

Outro fator que predominou na visão e nos estudos do naturalista britânico sobre o espaço amazônico foi o, denominado por ele, “mundo animal”, pelo qual destacou as formigas e outros insetos, dedicando a esses achados o uso principal de seu tempo. Diante disso, o autor descreve de forma precisa as questões sobre as formigas da região, destacando que “Às horas das refeições, trepam e caminham sobre a toalha da mesa, sobre os pratos e açucareiros” (WALLACE, 2004, p. 47). Também não passa despercebida ao escritor a presença desse inseto em bosques, apresentando-se como uma espécie gigante, e no contexto doméstico, como uma espécie de tamanho diminuto.

Nessa perspectiva, sendo este um inseto comum na região, também não deixa de ser mencionada por Dalcídio Jurandir em *Ponte do Galo*:

Mas Dadá, sem te dizer uma, fingindo-se ocupada com os pratos, com a vassoura, com a manteiga de cacau na prateleira, o embaraçava cada vez mais. Abateu no corredor a caba que o atacava, a fila de formigas seguia pelo soalho. Certa vez, a formiga-de-fogo mordeu o bico do seio da Dadá que apostemou. (JURANDIR, 2017, p. 27)

Esses e outros elementos característicos da região amazônica, os quais foram destacados por Russel Wallace, também são recorrentemente encontrados na narrativa dalcidiana, uma vez que o escritor os conhece significativamente bem, por ser amazônico. Além disso, Dalcídio Jurandir possui em sua escrita fortes influências dos naturalistas brasileiros, como Inglês de Sousa, o que ocasiona na descrição minuciosa das cenas narradas. Desse modo, Wallace sendo naturalista, bem como a escrita dalcidiana se propõe ser, faz com que ambos retratem a natureza, o espaço amazônico como realmente o veem.

Adiante as questões naturalistas que compõem a visão do espaço amazônico por Russel Wallace e Dalcídio Jurandir, também entende-se a pertinência de elencar questões literárias acerca dessa região em distintos contextos históricos, colocando em contraponto a percepção de um escritor que não é natural amazônico – Alberto Rangel em seu *Inferno Verde* (1908) – à visão do escritor marajoara Dalcídio Jurandir em *Ponte do Galo* (1971). Nesse viés, a princípio, o que se pode notar é que essa representação da natureza é relativamente forte nos contos de Alberto Rangel, que ocasiona na já debatida visão paradigmática que se criou sobre o espaço amazônico.

No entanto, é válido evidenciar ainda a questão da temporalidade em que *Inferno Verde* foi escrita, estando datada em 1908, período o qual se buscava justamente explorar uma Amazônia sobre a qual perdurava uma concepção de não haver história sobre essa região, buscando-se então evidenciar o novo acerca dela. Nesse sentido, Paiva (2011, p. 333-334) aponta que “Essa representação literária da Amazônia consolidou-se ao longo do tempo e invariavelmente é tomada como lugar-comum. Talvez a própria paisagem natural da região tenha fortemente contribuído para tal representação”. Essa forte representação da natureza, então, é descrita por Alberto Rangel em seu *Inferno Verde*, de modo que seja até sufocante sobre a vida das personagens, como aponta Paiva (2001).

Esse fator sufocante, por exemplo, pode ser visto recorrentemente nos contos que compõem a narrativa *Inferno Verde*:

Dessa praia em terra podre, fofa como um colchão flácido, o mariscador penetra dificilmente na floresta pelo pico, que vai por onde foi leito de igarapé na enchente. Por que nessa mata, há dias ainda se deslizou a remo. Era mais pronto. Somente afundar n’água a pá de louro e flutuar de manso. Nem carga nos ombros, nem chão resvaladio e estrepado em grimpas ou depressões. (RANGEL, 2008, p. 36)

Para além dessa visão exacerbada de Rangel (2008) sobre a Amazônia – pela visão do exagero nesse espaço, que sufoca o homem que nela adentra ou habita –, nesse trecho é possível perceber ainda o mangue, comum a região, como uma dificuldade de passagem. A esse respeito, é evidente que a região amazônica é composta por água abundante, sendo assim, ao retratar a trajetória da personagem Alfredo na região marajoara, Dalcídio Jurandir aborda em *Ponte do Galo* (1971) essa questão: “Rua? Em Cachoeira, rua? Melhor falar em rio, aterro, ponte, porta do mercado, campo, debaixo do pé de loucura...” (JURANDIR, 2017, p. 74), trecho o qual retrata também a situação da água e do campo que fazem parte do espaço amazônico, bem como destacam em suas obras Rangel e Jurandir.

Contudo, é preciso evidenciar que, de acordo com Paiva (2011, p. 341), Alberto Rangel utilizou de sua arte literária para apropriar-se “do espaço amazônico e buscou recriá-lo com sua marca autoral”. Exemplifica-se a respeito dessa colocação, o recorrente exagero descrito pelo escritor em *Inferno verde*:

O lago imenso volta-se para um e outro lado, qual a unhada de um gigante, afastando a mataria e cavando forte a terra, até dar n'água porejante. [...] Percorrendo a floresta, tão compacta ela se apresenta, que se dirá nunca mais se desempastar de sua goma unida, áspera e verdolenta. Nenhuma clareira. Aquela vegetação espessa, em chão igual, sem alcantis, nem socalcos. (RANGEL, 2008, p. 39)

Em detrimento a isso, como pontua Cordeiro (2018, p. 50), “A Amazônia, em âmbito literário, tornou-se uma infinidade desconhecida, um eterno mistério”. E entende-se que obras como a de Rangel contribuíram relativamente com tal percepção, fazendo com que demais pesquisadores, como visto em Russel Wallace, tivessem uma preconcepção da Amazônia como espaço exótico. Além disso, é claro notar ainda que ao descrever essa região como homogeneamente verde, o escritor contradiz a precisa colocação de Reis (2001), o qual afirma que a Amazônia não é só floresta, assim como também não é toda apenas banhada pelas águas da gigantesca bacia amazônica, como faz querer acreditar Rangel.

Na escrita do marajoara Dalcídio Jurandir, em contraponto, esse espaço amazônico é descrito tal como é na visão de Alfredo, protagonista do romance, por isso que, ao se referir à periferia de Belém, esse elemento pitoresco já tão desgastado não se faz presente. O autor marajoara busca, então, uma descrição real dos bairros periféricos da capital paraense:

A redemptora de azul o suspiro, cor-de-rosa a janela, coloca no telhado mais uma telha de vidro e faz subir um cano d'água para converter o terracinho em banheiro com um forte choque, lavatório e tina, cercado de trepadeiras e folhas de zinco escorrendo limo. Banheiro ao ar livre, como o vento pelas mangueiras da vizinhança, este e aquele pelos galhos a apanhar manga, escondido a apreciar, ao apito da Usina, o banho-de-choque da sultana. (JURANDIR, 2017, p. 161)

Percebe-se, perante a narrativa, que os elementos característicos da região estão presentes na obra, mas que são descritos de forma a demonstrar que fazem parte normalmente do cotidiano das pessoas que aí habitam, sem os exageros que antes marcavam as narrativas sobre a região. Em Dalcídio Jurandir, portanto, mais precisamente em *Ponte do Galo* (1971), evidencia-se esse espaço amazônico para além de sua descrição dos elementos, mas como um espaço onde a cultura amazônica acontece, sendo ambiente para os diversos costumes, culturas e cotidianos que compõem essa região.

Ponte do Galo: retrato do espaço cultural amazônico

O romance *Ponte do Galo* (1971), do escritor paraense Dalcídio Jurandir, é o sétimo de um conjunto de dez livros que constituem o chamado *Ciclo do Extremo-Norte*, o qual narra a trajetória de Alfredo, um menino nascido em Cachoeira do Arari, no Marajó, que sonha em conhecer Belém – a “cidade grande” – e lá terminar seus estudos. Assim, o *Ciclo do Extremo-Norte*, por meio da saga de Alfredo nas terras do Marajó e Belém do Pará retrata, de modo singular, os costumes, a linguagem, a paisagem e a cultura do povo amazônico paraense.

Diante disso, *Ponte do Galo*, mais especificamente, divide-se em duas partes: na primeira, Alfredo está de férias em Cachoeira, onde vivencia diversas situações junto a seus parentes e moradores da cidade; e na segunda, o menino retorna à Belém, narrando suas aventuras pelas periferias da cidade. Dentre outras particularidades, vale ressaltar também o título da obra, o qual é visto com grande representatividade, haja vista entender-se que, figurativamente, é essa “ponte” que interliga as duas partes da narrativa e suporta o deslocamento de Alfredo entre Marajó e Belém.

Para além desse deslocamento físico, no entanto, essa ponte possui ainda forte representatividade perante o espaço que se descreve na narrativa:

E assim se aguenta a ponte por onde passa o bonde, o subúrbio da pedreira, o São João, gente do Umarizal, Pinheiro, todos que moram na Ponte do Galo, e a parteira, às vezes a mãe Ciana e Alfredo a pé para o Liceu. [...] O igarapé se mete barriga a dentro da cidade, voltando verde-escuro, podre. Da ponte se vê a torre da Basílica, o casario se aconchegando no arvoredado e ali perto, como meninos abelhudando os telhados, os açazeiros de quintal. Este igarapé é das armas ou das almas? Das armas, dizem os doutores. Das almas, diz Mãe Ciana, confirma a parteira. (JURANDIR, 2017, p. 193)

Nesse trecho podem ser observadas questões como a descrição natural que Dalcídio Jurandir faz a respeito de como é essa ponte, do que nela pode ser visto ou encontrado, descrevendo os bairros e as pessoas que perpassam por ela, além da paisagem que esta proporciona. Diante disso, encontra-se na visão dessa paisagem algumas características regionais evidenciadas por Russel Wallace e as quais o naturalista descreve acerca dos costumes e hábitos dessa região:

Nas noites de luar, até às oito horas, as senhoras passeiam pelas ruas e subúrbios, sem qualquer manto na cabeça, em trajes leves, e os brasileiros, em suas “rocinhas”, ficam

defronte a pastelar, com a cabeça descoberta e em mangas de camisa, até 9 ou 10 horas da noite, inteiramente despreocupados das frescas brisas noturnas e do orvalho dos trópicos, de que tanto receamos e consideramos muito perigosos. (WALLACE, 2004, p. 50)

Em virtude dessas descrições, é perceptível a questão dos hábitos da região amazônica retratados pelos dois escritores, como os passeios noturnos e, até mesmo, a questão do perigo nas cidades. Para tanto, em Dalcídio Jurandir, ao se refletir a respeito de se o igarapé seria das armas ou das almas, para além do espaço natural amazônico contido nesse cenário, a personagem Alfredo traz para debate uma denúncia social, como a violência ocorrida nesse meio, mas que, no entanto, não é particular somente dessa região.

Vale frisar que essa ligação entre a história e a literatura para entender o espaço é possível por meio da verossimilhança, sendo que esta, segundo Gancho (2002, p. 10), “É a lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; é, pois, a essência do texto de ficção”. Conforme expõe a estudiosa, não é necessário que os fatos de uma história sejam verdadeiros, é preciso, contudo, que sejam verossímeis ao mundo exterior ao texto, uma vez que o leitor deve acreditar naquilo que lê. Assim, é possível, portanto, que por meio da literatura de Dalcídio Jurandir e da descrição de seu espaço amazônico, possa-se encontrar esse retrato verossímil à História.

Entretanto, para melhor entender essa concepção de espaço em literatura, vale ressaltar que há “no escopo da Teoria da Literatura, diferentes concepções de espaço, as quais nem sempre revelam explicitamente o contraste, suas idiossincrasias, mesmo em casos em que estas geram perspectivas teóricas conflituosas ou incompatíveis” (BRANDÃO, 2007, p. 207). Esses espaços sobre os quais Brandão (2007) discorre diz respeito aos espaços culturais, sociais, psicológicos, dentre outros.

Para Gancho (2002, p. 23), o espaço é “o lugar onde se passa a ação numa narrativa”, por esse viés, de modo geral, o espaço em *Ponte do Galo* é: a região de Cachoeira, onde Alfredo convive com seus familiares e moradores do lugar; e a capital paraense, mas especificamente as periferias da cidade, tal qual a Ponte do Galo, como visto acima. Contudo, segundo Gancho (2002, p. 23) “O termo *espaço*, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo *ambiente*”, colocação essa que traz o entendimento de que uma das funções do ambiente é “Situar os

personagens no tempo, no espaço, no grupo social, enfim nas condições em que vivem” (GANCHO, 2002, p. 24).

Ainda, a fim de conceituar o espaço geograficamente, Braga (2007, p. 71) aponta que “O espaço geográfico é o contínuo resultado das relações sócio-espaciais. Tais relações são econômicas [...], políticas [...] e simbólico-culturais (relação sociedade-espaço via linguagem e imaginário)”, conceito esse que, de certo modo, está em consonância ao termo ambiente descrito por Gancho (2002). Nesse sentido, o ambiente em *Ponte do Galo* é onde, dos espaços em que Alfredo perpassa, emanam as situações sociais, como questões políticas, econômicas, agrárias, etc., nas quais vivenciam-se as relações culturais e sociais.

Ainda nessa perspectiva, para Dimas (1994, p. 20) “o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica”. Por isso que, nos estudos de Rodrigues (2008), este aponta que:

Dos espaços físicos, destacamos os macroespaços, que são dois: Cachoeira, na Ilha de Marajó (no estado do Pará), e Belém, a capital do mesmo estado. No âmbito desses dois espaços amplos, destacam-se os microespaços. Por exemplo, em Cachoeira – o espaço do interior –, o chalé da família de Alfredo [...], onde moram os pais do ginásiano [...]. E na cidade – no *locus* urbano –, no bairro do Telégrafo, a outra casa onde o estudante reside (de favor) durante o período das aulas [...]. Contudo, é no subúrbio da cidade que sua deriva sem meta nem fim, por excelência, se evidenciará. (RODRIGUES, 2008, p. 3)

Diante do que elenca Rodrigues (2008), notam-se dois espaços significativos na trajetória de Alfredo em *Ponte do Galo*: o espaço simbólico que as casas têm para ele e seu trajeto pelo subúrbio da cidade, no qual se evidencia a Ponte do Galo. Com isso, sobre o primeiro espaço, vale ressaltar que, ao se referir à imagens de espaço feliz, Bachelard (1993, p. 24-26) afirma que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. [...] As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa”. Ou seja, embora feliz ou não, entende-se que a lembrança da casa será sempre predominante em detrimento ao que vem de fora.

Nesse sentido, o apontamento de Bachelard (1993) afirma-se em Alfredo quando este, no chalé – que é casa dos pais, em Cachoeira –, encontra-se em um espaço onde

predominam fortes lembranças para o protagonista: “Agora na saleta, olhava a gravata do morto enrolada no cabide como uma cobra, e em cima da estante a cola, o papelão, as aparas, de um papel colorido com que o irmão fazia as caixas para Irene” (JURANDIR, 2017, p. 19). Esse espaço traz para Alfredo significativas lembranças sobre o irmão Eutanázio, que havia falecido, e sua busca recorrente por Irene, moça que desprezava o amor do irmão morto. Nesse espaço, Alfredo recorda rezas da família, conversas com o irmão, confidências com a mãe D. Amélia.

As lembranças que esse espaço desperta fazem-se singularmente significativas, especialmente por serem despertadas involuntariamente, pois segundo Beatriz Sarlo (2007, p. 10) “Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada”. Sendo assim, a lembrança faz parte do presente, ou melhor, como aponta a estudiosa, o tempo da lembrança é o presente, com isso, recordações e espaços estão interligados pelo despertar de sentimentos e emoções que estes podem causar.

Esse espaço – o chalé dos pais de Alfredo – representa, ainda, a preocupação sobre as questões sociais que afligiam os moradores do lugar: “A mãe olhava a saleta como se temesse que o filho respirasse ali o destino do irmão morto, se cobrisse tudo aquilo que cobriu o finado” (JURANDIR, 2017, p. 20). Sendo assim, esse espaço representa mais que um lugar que faz parte da casa, mas abrange as preocupações, aflições e, ainda, recordações sobre diversas questões sociais e culturais que fazem parte da história e do cotidiano desse povo.

A representação dessas questões sociais é muito intensa na região amazônica, tanto que Alberto Rangel, mesmo que num outro contexto, a descreve em seu *Inferno Verde*: “João Catolé chegara ao Amazonas na récula de embarcados, em Fortaleza, tal como um gado de refugio. Viera com a filhinha, fugindo das misérias do sertão, onde havia muito não caíra gota d’água e onde sucumbira a sua querida mulher” (RANGEL, 2008, p. 48). Tais representações de pobreza e miséria retratam a questão de muitas famílias que migraram para a Amazônia ou, ainda, as que aí habitam, evidenciando a desigualdade social existente na região e que, infelizmente, também compõem esse espaço.

Para tanto, em um outro momento, é na representação dos estudos que se enxerga essa fuga da pobreza, como retratado em *Ponte do Galo*:

– Olhe, se eu tiver que cuspir de novo na cara de outra pessoa, aqui em Cachoeira, me deixa só comigo, porque cuspir eu sei quando é hora. Tua desforra é estudar, meu filho. Que os brancos te invejem, que os brancos passem por debaixo do teu pé, que rias da burrice dos brancos, tudo isso alivia o coração daqueles que sofreram na mão deles, meu filho. (JURANDIR, 2017, p. 154-155)

De acordo com Pressler (2016), “Dalcídio reconhece, pelo próprio caminho escolar, a importância da escola”. Nesse contexto, a representação dos estudos significa mais que aquisição social, simboliza, pois, a questão étnica e racial que gerou tamanha desigualdade, sobre qual, conforme o trecho acima, espera-se ser amenizada por meio da aquisição de bons estudos. Compõem, pois, a história da Amazônia. É a sobreposição e colonização sofrida pelos povos brancos, europeus, sobre esse espaço, conforme aponta Reis (2001, p. 19, grifo nosso) “na ânsia de possuí-la (a Amazônia) para explorá-la na fatura de suas espécies florestais”, e as quais estenderam-se e perduram até os dias atuais.

Por fim, é importante salientar ainda os espaços de Belém, dentre os quais se destaca a Ponte do Galo como um dos locais de passagem de Alfredo, onde vivencia e observa outras mais situações no âmbito das questões e relações sociais. De acordo com Rodrigues (2008, p. 7) “Belém, não é mais para Alfredo uma cidade de sonho, mas cidade de periferia, noturna, feia, cidade pós-lemismo”. Isso é para o protagonista uma quebra de expectativas referente ao vislumbre anterior que se tinha no período da borracha. Nesse sentido, por meio dessa quebra de expectativas de Alfredo, o que Dalcídio Jurandir quer mostrar é a real situação na qual se encontra a capital paraense, sem os devaneios, projeções e onirismos que se tinha sobre essa região amazônica.

De acordo com Rodrigues (2008, p. 8) os espaços dalcidianos são onde “o eu existencial e social dos personagens vivenciam sua identidade cultural em um locus amazônida”, por isso que os espaços representados nessa obra buscam muito mais que retratar a descrição paradigmática da região. Na verdade, “*Ponte do Galo* nos ajudará na travessia desses espaços ficcionais dalcidianos, que enfocam um *locus*, por excelência, amazônida (sem o clichê tão desgastante e desgastado do elemento pitoresco)” (RODRIGUES, 2008, p. 8).

Em relação a isso, entende-se que a escrita dalcidiana visa esse novo olhar sobre a Amazônia, sobretudo a Amazônia paraense. Pressler (2016), por exemplo, expõe que ao tratar da historiografia da cultura brasileira, estudiosos como Antônio Candido

esquecem-se da região Norte do Brasil, com isso, a “Amazônia continua ser vista sob o enfoque do mito e como ‘terra misteriosa’”, fazendo-se salutar o conhecimento e leitura de obras como as de Dalcídio Jurandir, pois “Escrevendo sobre ‘sua gente’, ele escreveu como escritor brasileiro” (PRESSLER, 2016).

Assim, bem como as descrições naturalistas de Russel Wallace buscam retratar esse *locus* amazônida em sua excelência, com seus hábitos cotidianos e culturais, além da vegetação, alimentação e espécies encontradas nessa região, Dalcídio Jurandir, a seu modo, também realiza esse retrato natural do espaço amazônico, evidenciando os costumes, paisagens, cultura e linguagem local, por meio da trajetória de Alfredo:

Todo bairro afia os ouvidos, nesta noite, a seguir-lhe os passos, a fadiga e o orgulho, o errante monólogo sobre as netas e o mais que resta, e ainda muito, no coração da velha em que se abriga o subúrbio.

Alfredo andava sobre o trilho do bonde, à espera de um grito de socorro, uma janela aberta, um velório onde as netas brincassem. Foi até o fim da linha, a esquina fedia a curtume, varou o estaleiro, os navios mortos na maré enchendo pareciam fumegar. (JURANDIR, 2017, p. 179)

Desse modo, entende-se que além de retratar esse espaço natural amazônico, Dalcídio Jurandir, em *Ponte do Galo* (1971), busca evidenciar as questões sociais e culturais amazônicas. Isso acontece também por meio dos sentimentos de uma personagem local da região, como pode ser visto no monólogo de Alfredo:

Do Igarapé das Almas, a pé, até a Ponte do Galo, esta noite, quantos passos? Passos, não. Mas sentimentos, quantos? Quanto Alfredo nascendo morrendo em mim, esta noite, sem que aceite e escolha um, que o outro em mim pressinto ou me atribuo e não é, anda aonde? (JURANDIR, 2017, p. 193)

Trecho o qual evidencia os conflitos de um menino que vive em um espaço periférico e sobre o qual predominam tantas questões sociais, sobretudo de desigualdade. Marlí Tereza Furtado (2004, p. 171) expõe, por exemplo, que ao realizar o sonho de estudar em Belém, Alfredo “percorre aquela cidade com que sonhara, reconhecendo os resquícios do glamour da belle époque. O então menino-rapaz se dá conta de que chegou tarde e vive, junto com os Alcântaras, a família que o acolheu, as sombras do Lemismo”. Diante disso, o retrato do espaço que Alfredo perpassa não é aquele com o qual a protagonista sonhou, mas sim um espaço diluído do que foi o ciclo

da borracha, fazendo-o vivenciar os conflitos de habitar em uma região periférica, sobre a qual as questões sociais acabam por se fazer ainda mais palpáveis.

Com isso, o que pode ser evidenciado em *Ponte do Galo* é que o escritor dessa narrativa, ao trazer para discussão situações sentimentais, sociais e culturais, faz notar que essas questões além de amazônicas são também, na verdade, emblemas humanos. Assim, por meio da trajetória de Alfredo, Dalcídio Jurandir evidencia aquilo que necessariamente afirmou Reis (2001), de que a Amazônia não é só floresta.

Considerações finais

A Amazônia é um espaço variado onde se encontram diversos tipos de vegetação, espécies de animais, densa floresta e águas. Também é espaço das mais variadas manifestações sociais, culturais, comportamentais e sentimentais. É lugar vasto, diverso, que proporciona aos que nela adentram ou habitam uma série de visões, de acordo com as manifestações que se fazem mais significativas para este ser.

Diante disso, esta pesquisa analisou e apresentou algumas das diferentes visões que se têm da Amazônia justamente em distintos contextos históricos e para diferentes escritores e estudiosos, a fim de evidenciar essa diversidade do espaço amazônico, tanto em fator natural quanto cultural. Para tanto, debateu-se então sobre as percepções de Reis (2001) em não haver um conceito de Amazônia, sendo esta uma região diversificada. Nesse mesmo sentido, evidenciou-se os achados do naturalista Russel Wallace (2004), que fomenta que a percepção que se tem dessa região quando se adentra nela pode ser uma quebra de expectativas perante a descrição sensacionalista de outros viajantes que por ela passaram, acrescentando o toque do exagero e do pitoresco ao local.

Assim, para melhor evidenciar isso, realizou-se um contraponto entre a escrita literária de um escritor que não é nativo da região e de um nascido nela. Discutiu-se, então, a respeito da representatividade do *Inferno Verde* de Alberto Rangel, tendo a Amazônia como um sertão que é uma infinidade desconhecida, no qual é claramente notado o debatido exagero exótico sobre a região. Em contrapartida a isso, analisou-se como uma narrativa amazônica, sendo esta *Ponte do Galo* (1971) do escritor paraense Dalcídio Jurandir, contribui para o retrato do espaço amazônico, diante da percepção

dos que são nativos da região, além de levar em consideração a questão temporal entre as duas narrativas.

Considerou-se, então, que em *Ponte do Galo* (1971), muito do espaço amazônico retratado por Reis, Wallace e Rangel também compõem a narrativa dalcidiana, sobretudo em seus aspectos naturais. No entanto, por meio da trajetória de Alfredo, Dalcídio Jurandir busca retratar o espaço amazônico para além das descrições naturais ou, até mesmo, paradigmáticas sobre a região, mas apresentando-a como é, sem onirismo, mas ainda trazendo para sua narrativa características que são próprias desse lugar. Além disso, o escritor marajoara procura utilizar dos espaços de sua narrativa para retratar as mais diversas questões sociais, culturais e regionais amazônicas, estendendo-as a emblemas humanos.

Desse modo, perante as discussões realizadas foi possível inferir que há muitas visões acerca da Amazônia, e que decerto podem ser interpretadas em seus múltiplos e variados contextos de tempo e espaço, além daqueles que não foram evidenciados aqui, como sua construção histórica, por exemplo. Acredita-se, portanto, na importância desses estudos para a construção, justamente, dessa história da Amazônia, de maneira a romper com possíveis – ainda – visões paradigmáticas a respeito dessa região, conhecendo-a em sua integridade e verdadeira riqueza natural, social e cultural.

Em síntese, vale frisar que para além das visões acerca de sua natureza, a região amazônica precisa ser vista por seus traços culturais, sociais e regionais, que fazem da Amazônia, juntamente com seus elementos naturais, lugar grandioso. Por isso, evidencia-se a importância de se estudar juntamente aos escritores e estudiosos que contribuíram para os estudos amazônicos – como Reis, Wallace e Rangel –, àqueles que são naturais da região, como o marajoara Dalcídio Jurandir, de modo a evidenciar a importância de ambas as escritas para a construção das visões desse espaço singular.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRAGA, Rhalf Magalhães. O espaço geográfico: um esforço de definição. In.: *Espaço e tempo*. São Paulo: GEOUSP, 2007, p. 65-72.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, 2007, p. 207-220.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4º ed. São Paulo: Ática, 2006.

CHIAPPINI, Ligia. *Literatura e história*. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. Universidade de São Paulo, 1999, p. 18-28.

CORDEIRO, Matheus Villani: “A Amazônia que eu vi”: Gastão Cruls e a produção etnográfica das sociedades indígenas dos limites do Brasil. *Faces da história*, Assis-SP, v. 5, n. 1, p. 47-63, jan.-jun., 2018.

DAMATTA, Roberto. Digressão: A fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In.: _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 58-85.

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREITAS, Maria Teresa de. A História na literatura: princípios de abordagem. *Revista de História*, [S. l.], n. 117, p. 171-176, 1984.

FURTADO, Marlí Tereza. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir. *Sínteses*, Revista dos Cursos de Pós-Graduação, [S. l.], v. 9, p. 169-180, 2004.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do galo*. Bragança: Pará.grafo Editora, 2017.

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 4. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2018.

LEAL, Marcilene Pinheiro. *Identidade e hibridismo em Dalcídio Jurandir: a formação identitária de Alfredo, em Três casas e um rio*. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2008.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *O modelo da “reima”*: representações alimentares em uma comunidade amazônica. *Dialnet, Anuário Antropológico*, 1978. v. 2. p. 120-147.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, n. 26, jan./abr., p. 332-362, 2011.

PRESSLER, Gunter Karl. Belém de Dalcídio ou história e experiência literária da paisagem urbana da Amazônia. *Nova Revista Amazônica – Dossiê Amazônia*, v. 4. n. 1, Bragança, 2016.

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Manaus: Editora Valer, 2008.

REIS, Artur César Ferreira. Amazônia: conceito, sua evolução histórica. In.: _____. *A Amazônia e a integridade do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001, p. 15-30.

RODRIGUES, Alcir de Vasconcelos Alvarez. Espaço ficcional em Ponte do Galo, de Dalcídio Jurandir. In.: *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações, convergências*. 13-17 jun. 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte, UFMG, 2007.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. Brasília: Senado Federal, 2004.

Recebido em 16/09/2021
Aceito em 10/03/2022

ⁱ **Daniela de Oliveira Silva** é mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/ UFPA). Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Marabá (PA). Professora Colaboradora no Projeto de Pesquisa Migração Sertaneja na Amazônia: por uma cartografia do sertão na literatura paraense (MiSAm). **E-mail:** prof.danielas@semedmaraba.pa.gov.br

ⁱⁱ **César Augusto Martins de Souza** é graduado em História pela Universidade Federal do Pará, mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, possui doutorado e pós-doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professor do Campus de Bragança e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, ambos da Universidade Federal do Pará. Editor-chefe da Nova Revista Amazônica/UFPA. **E-mail:** cesar@ufpa.br

ⁱⁱⁱ **Sérgio Wellington Freire Chaves** é professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará UFPA, Campus Universitário de Bragança. Doutor em Letras e mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN, especialista em Estudos Literários pela Fundação Universidade Estadual do Ceará FUNECE e graduado em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Ceará UECE. Autor do livro *Transculturalidade em solo sertanejo: aspectos da brasilidade no romance A Casa*. **E-mail:** sergiofreire@ufpa.br